

Ciência de malas prontas: o esvaziamento simbólico da hegemonia cultural dos Estados Unidos pela fuga de cérebros

PEDRO ARTHUR FELIPE

“Desde a Segunda Guerra Mundial, os Estados Unidos têm sido líderes globais em ciência e tecnologia” (Hao, 2025). A ciência move a indústria norte-americana há décadas, porém, nos últimos meses, os Estados Unidos da América (EUA), sob tutela de Donald Trump, tem promovido cortes drásticos no financiamento científico, várias restrições à entrada de estrangeiros e uma enorme repressão ideológica nas universidades do país.

Em março deste ano, reduções extremas no ramo científico começaram. A Força-Tarefa Conjunta da Casa Branca de Combate ao Antissemitismo anunciou o cancelamento abrupto de bilhões de dólares em fundos de pesquisa para diversas instituições de ensino superior (CNN Brasil, 2025). Sob o pretexto de combater o antissemitismo, após protestos a favor do cessar-fogo em Gaza e da criação do Estado da Palestina, que ocorrem desde o ano anterior (BBC, 2024), cerca de 4 bilhões de dólares foram retidos das universidades estadunidenses, como Columbia e Harvard (G1, 2025). Além disso, a juíza do tribunal de Massachusetts, Alisson Burroughs, vetou – pela segunda vez – uma ordem do presidente que impedia Harvard de matricular estudantes estrangeiros. Essa ordem de restrição temporária impede que os tribunais tenham sequer uma chance de revisar o caso (G1, 2025).

Os cientistas se encontram em uma situação precarizada, sem rumo nem condições de permanecerem no país. Muitos pesquisadores perderam seus vínculos, estudantes estrangeiros tiveram vistos cancelados, e a onda de fuga de cérebros se intensificou. Dado que não há prospecção sobre o futuro, o *Assault on Science* (ataque à ciência) de Donald Trump é danoso para o contínuo desenvolvimento da máquina liberal do país.

Nesse ínterim, a presente análise se propõe a investigar o desmonte da ciência nos EUA, como a chave do esvaziamento da hegemonia cultural, destacando as teorias de Arrighi e Gramsci, principalmente. Será que os

Estados Unidos estariam realmente caminhando para uma dominação sem hegemonia? A ordem mundial, do ponto de vista da pesquisa científica, torna-se mais multipolar e disputada a cada dia, ou ainda estaria sob influência persistente dos EUA? As indagações presentes pretendem analisar os rumos da posição do outrora grande hegemon cultural.

Afinal, o que é a hegemonia cultural?

Começando uma breve revisão sobre o conceito, segundo Giovanni Arrighi (1994), a hegemonia se dá pela capacidade de um Estado exercer funções de liderança sobre outras nações. Embora envolva dominação militar, não se limita a ela, pois se amplia pelo exercício da liderança intelectual e moral. Dessa forma, o autor se inspira no conceito de hegemonia gramsciano, extrapolando o imperialismo expansionista, de coerção militar exacerbada, para uma mescla de influência-domínio; um meio termo, que possibilite convencer e bajular ou exercer preeminência “econômica e cultural [...], condicionando-os a seus ideais” (Silvestre, 2021).

Sendo assim, a hegemonia cultural dos Estados Unidos é compreendida como o domínio exercido sobre diferentes campos de produção através do poder simbólico – como a ciência, a arte, a educação, entre outras – dentro do Estado (a exemplo do Destino-Manifesto), mas, em especial, no nível internacional, influenciando diretamente nas escolhas, percepções e valores das outras entidades do sistema-mundo. Um bom exemplo, são os valores neoliberais de Reagan, que atuaram tanto no plano real (econômico), como no simbólico e portanto, moldaram o imaginário coletivo e orientaram os comportamentos sociais de maneira sutil, mas eficaz, ilustrados pela predisposição ao liberalismo e a eterna busca pelo lucro. É dessa forma que se consolida o consenso necessário à manutenção do projeto político-cultural hegemônico dos EUA, conforme uma interpretação gramsciana (Acanda, 2006).

Ainda visualizando Arrighi (1994), explica-se a preponderância hegemônica dos EUA por meio da teoria dos ciclos sistêmicos de acumulação. Só puderam se tornar os sucessores diretos dos britânicos no ciclo, devido às adversidades que a Grande Guerra trouxe à Europa. A partir daí, “os Estados Unidos se consolidaram

[...] como o líder industrial do mundo” (Lessa, 2005, p.122), especialmente depois do segundo grande conflito, momento em que conseguiram o título de superpotência, ao expandirem sua agenda liberal (econômica e cultural), por meio do Plano Marshall, Bretton Woods, etc; e o mais importante, como destaca o autor John Ikenberry (2001), instauraram as instituições vinculantes, como a ONU e o FMI, para autorrestrrição de poder, conferindo previsibilidade e estabilidade à atuação legitimada dos EUA.

Essa leitura da hegemonia se alinha à visão de Robert Cox (Silvestre, 2021), que reforça a lógica de legitimação através de consenso, coerção e cooptação, elementos estes aplicáveis ao molde institucionalizado da ordem internacional configurada no pós-guerra e consolidada durante a Guerra Fria. O autor define a hegemonia global como a combinação de todos os fatores abordados anteriormente: o poder material, a ideologia dominante e as instituições estabilizadoras, sendo que “as instituições desempenham o papel essencial de estabilizar e perpetuar a ordem produzida pelas forças materiais e ideológicas” (Silvestre, 2021).

Para Cox, o Estado precisa ter a capacidade de apresentar seu projeto de poder como se fosse de interesse geral, o que dialoga com a contribuição de Susan Strange (Avila, 2009). A autora entende que a verdade, a ciência e o saber legítimo, ou seja, a definição do que deve ser ensinado, pesquisado e financiado, são modelados pelo Estado, doméstica e internacionalmente. Em síntese, a erosão da liderança estadunidense na ciência é um sinal claro do declínio hegemônico, quanto à capacidade de continuar condicionando o pensamento global.

Mesmo que o liberalismo não tenha encontrado um opositor à altura desde a década de 80 (Wallerstein, 2004, *apud* Montenegro, 2016) – com o fim da ameaça comunista na Guerra Fria –, no momento em que o governo dos Estados Unidos atacam suas próprias instituições científicas, desrespeitam valores liberais (direitos humanos e democracia, por exemplo) e hostilizam seus pesquisadores, rompem quase instantaneamente com seu *status* de hegemon cultural; ainda que se mantenham economicamente forte, outros ramos cruciais definham, como é marcado pelo vácuo da liderança ideológica e cultural.

A “retirada da Ciência” se dá como uma forma de escapar dessa tentativa de controle coercitivo e ofensivo do Estado norte-americano contra o principal motor da indústria, os

cientistas. Quando há falta de credibilidade do hegemom, decisões extremadas – como as adotadas por Trump – se tornam as únicas opções viáveis, o que funda a dominação sem hegemonia de Arrighi (1994), sustentada apenas pelo *hard power*. Sendo assim, fugir para um lugar menos hostil se torna a única opção para a sobrevivência da pesquisa.

Ataque direto à ciência e a fuga de cérebros massiva

Pode-se afirmar que as políticas do segundo mandato de Donald Trump abalam a dominância histórica dos EUA no avanço global da ciência, pois foi anteriormente sustentada por sua capacidade de atrair, formar e liderar a agenda científica mundial, o que de acordo com Strange (Avila, 2009), significa deter o controle institucional do saber. Como Karen Hao (2025) destaca em sua matéria: “embora toda administração traga mudanças, manter os EUA como líder em ciência e tecnologia nunca foi uma questão partidária. Ninguém previu um ataque tão amplo às bases da prosperidade americana”.

O resultado do congelamento dos fundos de pesquisa e do golpe direto nas universidades tem sido a evasão de talentos para outros centros de excelência em pesquisa, a exemplo de China, Alemanha, Suécia, Singapura, Canadá e Coreia do Sul (Scaff, 2025). Como o jornalista Julian Scaff (2025) descreve, esses países passaram a absorver talentos ao oferecer financiamento, qualidade de vida, liberdade intelectual e estabilidade. O discurso enfático de “nós acreditamos na ciência” (Scaff, 2025, tradução nossa) está sendo usado como uma estratégia por esses novos polos globais, enquanto Boston e Washington perdem não apenas talentos, mas também sua legitimidade científica, influência simbólica e grande *soft power* institucional. Seguindo o alerta de Ikenberry (2001), a ordem liberal só é regida pelos EUA, enquanto eles obedecem às normas das instituições vinculantes, a exemplo da Organização Mundial da Saúde (OMS) e do Acordo de Paris, ambos abandonados por Trump neste ano (2025).

Segundo a pesquisa da revista britânica *Nature* (CGTN, 2025), cerca de 75% do total dos cientistas entrevistados (1600), consideram sair do país por causa das ameaças às suas carreiras pela administração atual; sendo os principais destinos de interesse desses pesquisadores, países da Europa e o Canadá (CGTN, 2025). Como relatou à BBC, Jason Stanley, professor da universidade de Yale, se

mudará para o Canadá “devido ao clima político e ao que ele considera a ameaça de uma ditadura incipiente” (BBC, 2025). Casos como o de Stanley ilustram as consequências da dominação sem hegemonia de Trump, dentro do contexto de perda de interesse estatal nos ramos científicos.

Ainda segundo essa pesquisa, as causas majoritárias da migração identificadas são os cortes de fundos e a suspensão de numerosos cargos federais da política de redução de custos da Agência de Eficiência Governamental (DOGE), anteriormente liderada por Elon Musk (CNN Brasil, 2025). Estas ações estatais geraram danos à imagem internacional dos EUA, decorrentes da volatilidade do comportamento do presidente Trump, o que torna viável a debandada da academia, em uma dinâmica autônoma de mudança para outros pólos científicos, ou seja, o processo de perda de liderança e de hegemonia simbólica é cada vez mais visível. A situação já se tornou irreversível no curto prazo.

Prospecção do futuro dos EUA na ordem internacional

A tal debandada de pesquisadores aumenta a rivalidade com o tradicional eixo de produção científica dos EUA, já que alguns projetos ao redor do mundo se destacam como importantes recrutadores desses “deslocados”, a exemplo do *Horizon Program* da União Europeia (UE) e o *Thousand Talents Plan* (TPP), da China.

O projeto europeu está efetivamente investindo 93,5 bilhões de euros, entre 2021 e 2027 (European Commission, 2025), para melhorar a competitividade do bloco em assuntos de mudanças climáticas e Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS). Embora, no curto prazo, os Estados Unidos ainda mantenham sua vantagem estratégica em setores promissores como inteligência artificial, tecnologia quântica e mudanças climáticas, iniciativas como esta tendem a contestar gradualmente a liderança. Assim, no longo prazo, há a possibilidade de que outros atores preencham o espaço “cedido” pela atual política anti-ciência na ordem multilateral.

Julian Scaff menciona que “os centros de inovação que antes definiam o Vale do Silício, Boston e Austin, agora estão tomando forma em Berlim, Schengen e Cingapura” (2025, tradução nossa). Esse fenômeno é uma boa ilustração da tese de Fareed Zakaria (Montenegro, 2016) sobre a

“ascensão do resto”, onde não há mais uma hegemonia clara, mas múltiplas novas potências nacionalistas em competição, sendo uma resposta alternativa direta ao expansionismo dos EUA.

Já o segundo projeto mencionado, da China, chama atenção do governo americano desde 2008, sendo classificado pelo site oficial do FBI como um “plano chinês que encoraja espionagem dos EUA” (FBI, 2025). Envolto na clara tentativa de descredibilização estadunidense, há o temor ocidental ao projeto do Partido Comunista Chinês de se tornar “o líder mundial em ciência e tecnologia até 2050” (Matthys, 2023). O TPP é um programa recrutador de talentos de “alto calibre” globais, que ajudou no desenvolvimento da economia e ciência do país em apenas duas décadas de funcionamento (SCCEI, 2023). Contudo, há obrigatoriedade de obediência às regras do partido e o compartilhamento das novas tecnologias e patentes com o governo, o que causa desconforto aos olhos dos liberais.

Neste escopo, a China se apresenta como um rival à altura dos EUA, exemplificado no recorde de registro de patentes de IA generativa, com “38 mil patentes, seis vezes mais do que os EUA” (ONU News, 2024). A partir de um título bem sugestivo, “Adam Smith em Pequim”, o autor Arrighi (2008), supõe a ascensão da China como uma nova hegemonia, substituindo os EUA no ciclo de acumulação, da mesma forma que fizeram com o império britânico, no século passado. Ele ainda teoriza que esta nova potência teria força suficiente para desafiar (e vencer) seu rival e o consenso liberal global instaurado, seguindo a lógica própria centrada no Estado, sob forte coordenação do Partido.

Entendendo as possibilidades decorrentes da conjuntura atual, Pequim, além dos outros pólos científicos, se tornaram uma opção mais atrativa para o capital humano técnico estrangeiro, que prioritariamente ia para os EUA, antes das suspensões de vistos. O sistema internacional se torna cada vez mais multipolar, aguçado pela participação de todos, via trocas transgovernamentais e interestatais, numa lógica sistêmica. A hegemonia cultural, enquanto capacidade de ditar o que é conhecimento legítimo (Strange, 1996 *apud* Avila, 2009), passa a ser disputada em novas bases, em outros polos de poder regionais e simbólicos, como a União Europeia, a China, e outras iniciativas do Sul Global, (a exemplo do Mercosul e União Africana). Isso tudo contribui para a diminuição da hegemonia (especialmente cultural dos EUA, os quais estão arcando com os custos de saída dos mecanismos da “interdependência institucionalizada”

(Ikenberry, 2001) pós 1945.

Considerações Finais

A hegemonia dos Estados Unidos, sustentada por décadas pela capacidade de formar consensos globais, além de cooptá-los, e liderar a produção do saber, está em erosão. A repressão à ciência, os cortes de financiamento e a hostilidade aos acadêmicos estrangeiros, sob a atual administração Trump, revelam a deslegitimação cultural-científica profunda dos (autodeclarados) *yankees*. Como expõem Gramsci e Arrighi, a hegemonia só se sustenta enquanto há consenso e legitimação, quando esses elementos se esvaem, só resta a dominação pela força.

A ideologia de progresso liberal, que sempre justificou a liderança global norte-americana, esvaiu-se de significado, pois há crescente questionamento quanto ao accountability e à legitimidade do processo decisório congênito – pilares do discurso democrático-liberal (Levitsky; Ziblatt, 2018). O consenso doméstico se dissolveu, ou seja, a pauta de constante desenvolvimento pode se tornar a principal ameaça à hegemonia dos EUA também no nível internacional, já que a produção de conhecimento se tornou um setor disputado interna e externamente.

Nesse contexto, o êxodo intelectual marca a descentralização da hegemonia cultural norte-americana. A incapacidade dos EUA de manter-se como centro incontestável de inovação científica abre espaço para uma ordem internacional cada vez mais disputada, onde novos polos emergem como alternativas legítimas de incentivo à pesquisa e à ciência, prioritariamente.

O sistema internacional caminha para uma maior fragmentação da autoridade cultural, já que os Estados Unidos não determinam mais o conhecimento exclusivamente; este vácuo do poder simbólico que é deixado, poderá ser preenchido por múltiplos centros de poder, cada um com seu próprio caminho na produção de saber e cultura, além dos novos talentos científicos agregados. Os EUA não perderam totalmente seu *soft e hard power*, mas o futuro de sua participação no meio científico dependerá da sua capacidade de reconstituir consenso em um mundo mais multipolar e mais ideologicamente plural do que antes, com outras alternativas à doutrina institucional-liberal que fora outrora legitimada sem contestação.

Referências

ACANDA, J. L. **Sociedade civil e hegemonia**. Tradução Lisa Stuart. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006.

ARRIGHI, G. **Adam Smith em Pequim: origens e fundamentos do século XXI**. São Paulo: Boitempo, 2008.

ARRIGHI, G. **O longo século XX**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1994.

AVILA, R. I. Crise de hegemonia dos Estados Unidos no contexto atual. **Revista Aedos** (Revista do Corpo Discente de Pós-Graduação em História da UFRGS), v. 2, n. 3, p. 219–237 2009. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/aedos/article/view/10591>. Acesso em: 25 jul. 2025.

BAGHDADI, T.; SOUSA, D. BP 856 – Diplomatas israelenses assassinados em Washington. Petit Journal: Spotify, 22 mai. 2025. Podcast. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/6vm44VLTCl0qr4OOKFoN36?si=045f0f8e95e84cf7>. Acesso em: 16 junho 2025.

CABRAL, S. O que querem estudantes que protestam contra guerra em Gaza e outros 5 pontos para entender crise nas universidades dos EUA. **BBC News Brasil**, 1 mai. 2024. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/cd134y7zw3yo>. Acesso em: 17 junho 2025.

COLAFEMINA, M. Inquisição Americana: Como a suspensão dos vistos estudantis por Trump afeta brasileiros. **CONJUR** (Consultor Jurídico), 8 jun. 2025. Disponível em: <https://www.conjur.com.br/2025-jun-08/como-a-suspensao-dos-vistos-estudantis-por-trump-afeta-brasileiros/#:~:text=As%20entrevistas%20para%20novos%20vistos,anulada%20por%20uma%20decis%C3%A3o%20judicial>. Acesso em: 16 junho 2025.

EUA cancela US\$ 400 milhões em bolsas e contratos para a Universidade de Columbia por alegações de antissemitismo. **G1**, 7 mar. 2025. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2025/03/07/eua-cancelam-us-400-milhoes-em-bolsas-e-contratos-para-a-universidade-de-columbia-por-alegacoes-de-antissemitismo.ghtml>. Acesso em: 17 junho 2025.

EUROPEAN COMMISSION. Horizon Europe. Disponível em: https://research-and-innovation.ec.europa.eu/funding/funding-opportunities/funding-programmes-and-open-calls/horizon-europe_en. Acesso em: 17 junho 2025.

Referências

FEDERAL BUREAU OF INVESTIGATION (FBI). **The China Threat: Chinese Talent Plans Encourage Trade Secret Theft, Economic Espionage**. Disponível em: <https://www.fbi.gov/investigate/counterintelligence/the-china-threat/chinese-talent-plans>. Acesso em: 16 junho 2025.

GAN, N. EUA e China acertam estrutura de acordo comercial, diz negociador. **CNN Brasil**, 10 jun. 2025. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/economia/macroeconomia/eua-e-china-acertam-estrutura-de-acordo-comercial-diz-negociador/>. Acesso em: 18 junho 2025.

HAO, K. As bases da prosperidade dos EUA estão sendo desmanteladas. **MIT Technology Review**, 19 abr. 2025. Disponível em: <https://mittechreview.com.br/desmonte-ciencia-eua-trump/>. Acesso em: 18 junho 2025.

IKENBERRY, J. **After victory: institutions, strategic restraint, and the rebuilding of order after major wars**. Princeton: Princeton University Press, 2001.

INVENTORES chineses registram a maioria das patentes de IA generativa, diz Ompi. **ONU News**, 8 jul. 2024. Disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2024/07/1834141>. Acesso em: 25 julho 2025.

JATOBÁ, D. Análise de conjuntura: o que é e como se faz?. **Boletim de Conjuntura do Programa de Educação Tutorial de Relações Internacionais da Universidade de Brasília**, v. 7, n. 1, p. 189-206, 2025.

JATOBÁ, D.; LESSA, A. C.; OLIVEIRA, H. A (Coord.). **Teoria das Relações Internacionais**. São Paulo: Editora Saraiva, 2013.

JUSTIÇA dos EUA bloqueia ordem de Trump que proíbe estudantes estrangeiros em Harvard. **G1 com Reuters**, 6 jun. 2025. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2025/06/06/justica-eua-ordem-trump-harvard.ghtml>. Acesso em: 16 junho 2025.

LARI (Laboratório de Análise de Relações Internacionais). Informe de Conjuntura: American Nightmare: declínio e fim da hegemonia dos Estados Unidos?. **PET-REL**. n. 1, 2025.

LESSA, A. C. **História das Relações Internacionais: a Pax Britannica e o mundo do século XIX**. Rio de Janeiro: Vozes, 2005.

LEVITSKY, S.; ZIBLATT, D. **Como as democracias morrem**. Tradução: Renato Aguiar. 1 ed. São Paulo: Zahar, 2018.

Referências

LISSARDY, G. O professor de Yale que está saindo dos EUA por discordar do governo Trump: 'Já somos um regime fascista'. **BBC News Brasil**, 8 abr. 2025. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/crkxndvge16o>. Acesso em: 17 junho 2025.

MATTHYS, Major. S. A. **China's Hidden Talent: The Thousand Talent Plan**. Wild Blue Yonder, Air University, 2023. Disponível em: <https://www.airuniversity.af.edu/Wild-Blue-Yonder/Article-Display/Article/3541536/chinas-hidden-talent-the-thousand-talent-plan/>. Acesso em: 17 junho 2025.

MAKIO, D. A. Hegemonia e crise: um estudo da posição dos EUA no sistema de estados do século XXI. **Fronteira: Revista de iniciação científica em Relações Internacionais**, v. 18, n. 36, p. 330-346, 2019. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/fronteira/article/view/19587>. Acesso em: 17 junho 2025.

MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES DA CHINA. **Hegemonia dos EUA e seus perigos. AEPET (Associação dos Engenheiros da Petrobrás)**, 10 abr. 2023. Disponível em: <https://aepet.org.br/artigo/hegemonia-dos-eua-e-seus-perigos/>. Acesso em: 17 junho 2025.

MONTENEGRO, R. H. Crise ou afirmação da hegemonia americana? Arrighi, Wallerstein, Fiori e Zakaria. **Estudos Internacionais: revista de relações internacionais da PUC Minas**, v. 3, n. 2, p. 247-265, 2016. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/estudosinternacionais/article/view/10750>. Acesso em: 16 junho 2025.

NATURE survey: About 75% of U.S. scientists are considering leaving. **CGTN**, 30 mar. 2025. Disponível em: <https://news.cgtn.com/news/2025-03-30/Nature-survey-About-75-of-U-S-scientists-are-considering-leaving-1C9RRvONpyE/p.html>. Acesso em: 17 junho 2025.

NERY, N. (Host); CHACRA, G. Trump x Harvard. O Assunto, Gl: Spotify, 28 abr. 2025. Podcast. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/1rDHUpPZMyvn96zTWJYcik?si=96eff941fa01467a>. Acesso em: 16 junho 2025.

ROSE, A.; KRUPA, M. Governo Trump congela mais US\$ 450 milhões em recursos para Harvard. **CNN Brasil**, 13 mai. 2025. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/governo-trump-congela-mais-us-450-milhoes-em-recursos-para-harvard/>. Acesso em: 17 junho 2025.

Referências

SCAFF, J. America's Brain Drain: The collapse of U.S. scientific leadership and its near-future consequences. The Futureplex, Medium. Disponível em: <https://medium.com/the-futureplex/americas-brain-drain-the-collapse-of-u-s-scientific-leadership-and-its-near-future-consequences-8946844acb50>. Acesso em: 16 junho 2025.

SHI, D.; LIU, W.; WANG, Y. Has China's Young Thousand Talents program been successful in recruiting and nurturing top-caliber scientists? **Science**. v. 379, 2023. Disponível em: <https://www.science.org/doi/abs/10.1126/science.abq1218#tab-citations>. Acesso em: 17 junho 2025

SILVESTRE, L. D. A. M. O Conceito de Hegemonia: as contribuições de Gramsci e Robert Cox para a compreensão do poder americano. **NEARI EM REVISTA**. v. 5, n. 7, 2021. Disponível em: <https://revistas.faculdadedamas.edu.br/index.php/neari/article/view/1610>. Acesso em: 15 junho 2025.

STANFORD CENTER ON CHINA'S ECONOMY AND INSTITUTIONS (SCCEI). Evaluating the Success of China's "Young Thousand Talents" STEM Recruitment Program. **Stanford University**. Disponível em: <https://sccei.fsi.stanford.edu/china-briefs/evaluating-success-chinas-young-thousand-talents-stem-recruitment-program>. Acesso em: 17 junho 2025.